

Uma nova adaptação ao cotidiano decorrente do coronavírus

Neste cenário caótico que estamos vivendo, a presença de um vírus em nossas vidas torna tudo complicado. Nas tentativas de nos adaptarmos ao momento atual necessitamos do cuidado de fiscalização da higienização em todos os lugares. O coronavírus traz o período de incerteza que aflige o mundo.



Há quem duvide da capacidade do coronavírus, negando seu potencial letal., Essas pessoas mostram falta de empatia com os outros que sofrem ou sofreram com a doença que, para alguns, pode ser mortal, principalmente, acreditava-se de início que exclusivamente para os grupos de risco: os idosos, quem está acima do peso e os doentes crônicos. Desse individualismo das pessoas transparece um verdadeiro caos, pois estes só pensam de forma individual, sem ter a consciência do coletivo. O ato de ficar em casa para minimizar o contágio provocou queda na economia e, a falta de políticas voltadas para apoiar a população e os pequenos empresários, atingiu a renda familiar de grande parte da população que, teve que se recriar por outros meios para obter uma fonte de renda..

Ao me inserir nesse contexto, busquei seguir os protocolos da OMS(Organização Mundial da Saúde) que é o isolamento social, o uso de máscara quando for sair de casa e a higienização frequente das mãos e dos objetos de uso na intenção de não pegar o coronavírus. Só com esses procedimentos a contaminação pelo vírus pode ser combatido. Procurei, ao máximo, tentar não me expor, mas sabia que, mesmo saindo com as proteções, ainda assim poderia pegar o vírus, seja por conta de

aglomerações nas ruas, ou no comércio, ou pela falta de conscientização de parte da população. Por ser moradora do Complexo da Maré, um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, me vi em uma situação desprivilegiada, na qual o indivíduo com pouco recursos fica sem ter muito o que fazer. Estamos à mercê desse contexto de tal maneira que a ausência de investimentos na saúde e na educação públicas se torna um malefício à população.

A estrutura que o Brasil tem na saúde, o SUS, vem sendo precarizado. Os investimentos e os recursos são desviados a todo tempo e os brasileiros ficam desolados e sem ter como recorrer aos órgãos públicos. Como aluna cotista da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) me deparei com um contexto de incertezas no ensino remoto; em que é preciso ter uma internet boa, que não caia a toda hora, um local apropriado para estudo, aparelhos que ajudem a digitar um texto, baixar um vídeo etc. e que possibilitem acompanhar as aulas. Embora no Brasil a rede de internet não seja acessível a todos, os menos favorecidos economicamente são os maiores alvos dessa segregação digital.



sobre o autor: Sou uma jovem sonhadora, esperançosa e que sonha em conseguir o que deseja. Nascida e criada em uma comunidade do Rio, localizada no Complexo da Maré- Nova Holanda. Curso Pedagogia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).